

HARMONIZANDO SABERES E PRÁTICAS: A SINFONIA DA INTERDISCIPLINARIDADE E INTERPROFISSIONALIDADE NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

*Harmonizing knowledge and practices: the symphony of
interdisciplinarity and interprofessionalism in health education*

*Armonizando conocimientos y prácticas: la sinfonía de la
interdisciplinarietà e interprofesionalidad en la educación en
salud*

Debora Mariana da Silva Marioto¹
Edson Roberto Arpini Miguel²
Rosiane Guetter Mello³

INTRODUÇÃO

A interdisciplinarietà e a interprofissionalidade no contexto do eixo ensino-serviço em saúde representam uma abordagem fundamental na busca por soluções eficazes e abrangentes para os desafios complexos que permeiam o campo da saúde. Em um cenário onde a interconexão entre diversas áreas do conhecimento é cada vez mais evidente e as demandas por cuidados de saúde integrais são crescentes, a colaboração entre profissionais de diferentes especialidades e a integração do ensino com a prática se tornam imperativas. Este ensaio explora a importância da interdisciplinarietà e interprofissionalidade como estratégias-chave para a promoção de uma assistência à saúde mais eficiente, humana e centrada no paciente, destacando os benefícios e desafios desse enfoque no campo da saúde, para além, na segurança do paciente.

¹ Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde pelas Faculdades Pequeno Príncipe. Docente de Imunologia e Hematologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais

² Doutor em Clínica Médica - Ensino em Saúde (UNICAMP). Docente do Programa de Mestrado em Ensino nas Ciências da Saúde das Faculdades Pequeno Príncipe. Curitiba, Paraná

³ Doutora em Ciências (Bioquímica) pela UFPR. Docente do Programa de Mestrado em Ensino nas Ciências da Saúde das Faculdades Pequeno Príncipe. Curitiba, Paraná

Autor de Correspondência:

* Debora Mariana da Silva Marioto. E-mail: debmarioto94@gmail.com

INTERPROFISSIONALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE EM SAÚDE

Quando abordamos a interdisciplinaridade como um conceito, estamos tratando do processo de conexão entre disciplinas distintas, com o propósito de encontrar pontos de interseção entre seus conteúdos, visando assim proporcionar uma compreensão mais abrangente de uma temática específica. Dentro do contexto educacional, a interdisciplinaridade se manifesta como uma metodologia de ensino que visa a integração de múltiplas disciplinas, estabelecendo um elo comum entre diversas áreas do conhecimento. Através dessa abordagem, competências como criatividade e observação encontram espaço para se desenvolver. Porém, é importante destacar que, quando nos referimos à disciplina, estamos muitas vezes aludindo à unidade curricular, o que reflete uma transformação significativa na estrutura dos currículos acadêmicos.

Em muitos cursos, a abordagem tradicional de disciplinas isoladas tem sido substituída por módulos ou unidades curriculares. Ao agrupar temas afins em unidades curriculares, os estudantes são incentivados a perceber as conexões entre diferentes áreas de estudo, promovendo assim uma compreensão mais holística do saber. Essa abordagem não apenas reflete a crescente necessidade de uma educação mais interdisciplinar, mas também prepara os alunos para enfrentar desafios complexos do mundo real, onde as soluções exigem uma compreensão multifacetada e integrada.

O Marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa, documento que delinea princípios fundamentais e estratégias para promover a colaboração efetiva entre profissionais de saúde e a integração da educação interprofissional nos sistemas de saúde, foi desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e destaca a importância de criar ambientes educacionais que incentivem a aprendizagem colaborativa, reunindo estudantes e profissionais de diversas disciplinas para compartilhar conhecimentos e habilidades. Além disso, enfatiza a necessidade de mudanças nos sistemas de saúde para apoiar a prática colaborativa, reconhecendo o papel crucial da interprofissionalidade na melhoria dos resultados para os pacientes¹.

Ao considerarmos a partilha coletiva do conhecimento, a interdisciplinaridade se apresenta como uma necessidade intrínseca ao avanço da educação, sendo discutida à luz das teorias curriculares e das epistemologias. Nesse contexto, uma revisão da literatura evidencia um consenso sobre a natureza e o propósito da interdisciplinaridade: ela surge da urgência de superar a fragmentação nos processos de criação e compartilhamento do conhecimento, bem como nas práticas pedagógicas^{2,1}. Uma revisão histórica das raízes da abordagem interdisciplinar nos permite explorar as abordagens de trabalho concebidas por Gusdorf na década de 60. Ele foi um dos pioneiros na sistematização de uma estrutura de trabalho interdisciplinar, realizando análises conjuntas com especialistas dedicados à pesquisa nesse campo no contexto das ciências humanas. A produção individual de Gusdorf é considerada um marco significativo no surgimento e desenvolvimento desse domínio interdisciplinar^{2,3}.

Mais tarde, em 1973, Jean Piaget aprofundou a discussão sobre a ideia de trabalho transdisciplinar⁴. Nesse contexto, explorou as possíveis fronteiras disciplinares e enfatizou a necessidade de estabelecer um espaço de interação desprovido de limitações. Paralelamente começaram a surgir os trabalhos de Edgar Morin e Ervin Laszlo Jantsch. No Brasil, o conceito interdisciplinar ganhou ainda mais visibilidade com o lançamento do livro de Japiassu, que contou com o prefácio de Gusdorf, em 1976. Esse livro marcou um ponto crucial na disseminação e consolidação da abordagem interdisciplinar no país⁵.

Morin, em "A cabeça bem feita", cuja 8ª edição foi publicada em 1999, traz de maneira profunda e provocativa a questão da interdisciplinaridade no contexto da educação e do conhecimento. Morin argumenta que a fragmentação do conhecimento em disciplinas estanques é uma limitação prejudicial ao entendimento holístico da realidade. Ele propõe uma abordagem que transcende as fronteiras disciplinares, promovendo a interconexão e a compreensão do todo, ao passo que destaca a importância de um "pensamento complexo", que integre diferentes perspectivas e reconheça a complexidade inerente aos fenômenos humanos e naturais. Claramente, isto nasce como uma defesa da necessidade de uma educação que promova a transdisciplinaridade, incentivando a busca por soluções para os desafios contemporâneos de forma integrada⁶.

E é nesse ponto, que o modelo teórico e esquemático de transdisciplinaridade proposto por Jantsch, categoriza os sistemas como processos interativos porém, estratificados. Neste modelo, a multidisciplinaridade é caracterizada por objetivos diversos, porém sem uma colaboração efetiva entre as disciplinas. Por outro lado,

a pluridisciplinaridade busca cooperação, mas carece de coordenação efetiva⁷. Adicionalmente, o conceito de interdisciplinaridade vai além, mantendo-se em dois níveis distintos: a busca por múltiplos objetivos e a cooperação em um nível superior. Este modelo complementar proporciona uma abordagem mais integrada e abrangente em comparação com os modelos anteriores, enfatizando tanto a diversidade de objetivos quanto a necessidade de cooperação eficaz em um contexto interdisciplinar.

Em seus textos, Japiassu estabelece conexões, tomando como base os princípios elaborados por Jantsch no início da década de 70, entre os vocábulos múltiplos e a edificação e direção de áreas específicas do conhecimento, enquanto utiliza o termo *inter* para descrever as interações entre os pesquisadores. Sob esse ponto de vista, "a interdisciplinaridade exige um equilíbrio entre extensão, profundidade e síntese", ou seja, ela se define e está condicionada à intensidade das trocas entre os especialistas e ao grau de unificação das disciplinas.

Dessa maneira, a interdisciplinaridade manifesta-se como uma ferramenta de conexão entre o processo de ensino e aprendizagem, quando ela gera uma maneira particular de conceber. Nesse sentido, ao elaborarmos iniciativas e abordagens metodológicas baseadas nesse enfoque, adentramos e associamos diversas áreas de estudo, posicionando-as como alvo de aprendizado dinâmico, forjado por meio da problematização e validação da edificação social do conhecimento⁸.

O que valida a análise prévia de Frigotto é a maneira pela qual o autor explora a interdisciplinaridade ao enfatizar a necessidade de reconhecimento de que os indivíduos são simultaneamente sujeitos e objetos do conhecimento social⁹. A autoconsciência, se entender enquanto ser social, é atravessada pela dialética do cenário concreto, com seus embates políticos, culturais e metamorfozes inerentes ao contexto histórico e evolutivo. Assim, mesmo que seja viável delimitar um tema de estudo, este não pode ser dissociado de seus fundamentos sociais.

Diante desse panorama de uma realidade multifacetada, a interdisciplinaridade exige reflexões intrincadas capazes de abranger esse domínio sem o dissociar do indivíduo que permeia a construção do conhecimento⁹. Essa retomada da visão holística contribui para a compreensão de que vivemos em uma intrincada rede de interações, nas quais os indivíduos e as teorias estão entrelaçados, e que o processo de aprendizagem não é meramente racional, mas também empírico, permeado por afetações e sentimentos. Eis a questão: o que fazer?

Uma possível resposta pode permear os conceitos que discutiremos a seguir. A interdisciplinaridade emerge, nesse contexto, como um significativo movimento de integração entre o ensino e a aprendizagem, proporcionando uma contribuição valiosa na superação da concepção cartesiana que, por longo tempo, impactou a manutenção da dicotomia e da hierarquização no processo de ensino-aprendizagem. A abordagem horizontal proposta pela interdisciplinaridade se amalgama à perspectiva crítica e reflexiva, conferindo uma nova significância a teorias que ganham potencialização nos contextos de aprendizagem.

Transpondo o foco para o cenário contemporâneo no âmbito da saúde, em resposta às exigências e à reorganização do processo de cuidado ao paciente, conforme Farias¹⁰, emerge uma discussão relevante sobre o trabalho interprofissional e a imperatividade de diferenciar interdisciplinaridade e interprofissionalidade. Sugere-se que o termo interdisciplinaridade envolve a integração de conhecimentos, curriculares /estruturais/ acadêmicos, enquanto a interprofissionalidade abarca a integração de práticas¹¹.

Constituindo-se como uma relação interdependente em um ambiente de trabalho, a interprofissionalidade refere-se à colaboração entre profissionais de diferentes áreas, no planejamento e execução de práticas para melhorar a qualidade do atendimento ao paciente. O objetivo é promover uma abordagem integrada, na qual profissionais de diversas disciplinas trabalhem em conjunto, compartilhando seus conhecimentos e habilidades para otimizar os resultados para o paciente¹². A EIP visa quebrar as barreiras tradicionais entre as profissões de saúde, incentivando a comunicação eficaz, o entendimento mútuo e a valorização das contribuições de cada profissional.

Em suma, a EIP se configura quando profissionais de diversas formações colaboram em uma equipe. E essa colaboração não é simples. Envolve um processo que inclui o planejamento, a articulação intencional e colaborativa entre distintas profissões, e a implementação de ações em saúde, todos orientados por um objetivo comum¹³.

No campo da educação em saúde, a EIP surge como uma ferramenta que promove a transformação tanto do modelo de formação profissional quanto da prestação de serviços de saúde. Nesse contexto, profissionais com diversas formações na área da saúde colaboram, integrando seus conhecimentos com os de outros profissionais. Essa abordagem é crucial, uma vez que se observa uma inclinação dos profissionais a trabalhar de maneira isolada e independente, muitas vezes como reflexo do processo formativo predominantemente uniprofissional.

Até agora, examinamos conceitos de interprofissionalidade e interdisciplinaridade de forma isolada e analisando fragmentos de textos ou pela experiência dos autores. Mas será que existem mesmo vantagens na utilização destas duas possibilidades de forma conjunta? Seria possível agregar de forma única numa espécie de teoria geral para comprovar a hipótese de que elas são complementares conceitualmente?

Entendemos que é importante afirmar que não se trata de uma proposta teórica a ser implementada, mas uma metodologia que aproxima cada vez mais os dois conceitos para que quando utilizados, em um movimento teórico que tenha integralidade e propiciem a execução de propostas de trabalho apontando para a melhoria de práticas colaborativas, em especial na relação ensino-serviço.

Em um eixo de formação uniprofissional, as atividades educacionais são circunscritas aos estudantes de uma única profissão, ocorrendo de maneira isolada em relação aos demais. Quando o foco da formação é estritamente uniprofissional, a interação entre estudantes de diferentes áreas torna-se inexistente, o que propicia um desconhecimento acerca dos papéis e responsabilidades dos demais profissionais da saúde¹⁰.

Em contrapartida, a reorientação profissional (seja ela multi ou inter) configura-se como um processo de socialização, onde os estudantes passam a internalizar uma identidade vinculada à profissão escolhida, assimilando valores, cultura, papéis e conhecimentos específicos. Do ponto de vista conceitual, a distinção entre o Ensino Interprofissional (EIP) e a abordagem multiprofissional reside na forma como, no primeiro caso, os alunos absorvem de maneira colaborativa os papéis, conhecimentos e competências de outros profissionais. No segundo, as atividades educativas transcorrem entre estudantes de duas ou mais profissões de forma simultânea, embora de maneira paralela, sem que, necessariamente, ocorra uma interação entre eles¹³.

Realizando um recorte, no modelo multiprofissional, cada profissional atua em sua área, priorizando um diálogo, objetivando a qualidade no tratamento ao paciente. Por outro lado, em uma equipe interprofissional, os profissionais partilham das informações e discutem os manejos para atuarem em conjunto. Dessa forma, pode-se dizer, que, com o EIP conseguimos complementar e ampliar a educação uniprofissional e/ou multiprofissional.

Para além, a interdisciplinaridade e sua correlação prática, a interprofissionalidade, tornam-se, não só instrumentos de transformação do ensino em saúde, mas um meio de fortalecimento profissional e dos princípios do próprios sistemas de saúde. Por conseguinte, é necessário salientar que essas ações orientadas para o trabalho e desenvolvimento colaborativo, na prática interprofissional, ocorrem quando profissionais de saúde de diferentes áreas prestam serviços com base nos conceitos de integralidade¹⁴.

Dessa maneira, ao considerarmos a interdisciplinaridade e sua aplicação prática na interprofissionalidade como meios de fortalecer tanto o ensino em saúde quanto os próprios sistemas de saúde, surge uma interrogação crucial: como as instituições de ensino e saúde podem efetivamente implementar ambientes e estratégias pedagógicas que não apenas promovam a colaboração entre profissionais de saúde de diferentes áreas, mas que também assegurem a realização efetiva dos objetivos fundamentais da educação interprofissional?

E mais, nesse contexto, é pertinente refletir sobre como o diálogo, a interação e a reflexão crítica podem ser cultivados de maneira eficaz, não apenas como componentes educacionais, mas como pilares essenciais para a promoção da qualidade na assistência, a integralidade do cuidado, a humanização nas relações, a participação social e o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Como podemos efetivamente integrar esses elementos na prática profissional e na formação acadêmica para alcançar resultados substanciais e sustentáveis no campo da saúde?

Nesse caminho, uma possível resposta encontra-se nos objetivos fundamentais da educação interprofissional que incluem a promoção da qualidade na assistência, a integralidade do cuidado, a humanização nas relações, a participação social e o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) no contexto brasileiro. No entanto, sabe-se que para alcançar tais metas, torna-se imperativo que as instituições de ensino e saúde estabeleçam ambientes propícios e estratégias pedagógicas que fomentem o diálogo, a interação e a reflexão crítica entre os diversos participantes envolvidos tanto na formação quanto na prática profissional em saúde^{15,16}.

Um exemplo da inclusão do EIP voltado para o SUS, especificamente a Atenção Primária em Saúde (APS), pode ser exemplificado através do relato da trajetória de implementação de uma disciplina interprofissional obrigatória nos cursos de saúde. Nesse estudo, são descritos os desafios enfrentados e as estratégias adotadas na concepção e implantação dessa disciplina, que envolvem anualmente cerca de 440 estudantes e 42 professores/tutores de sete cursos de saúde (Medicina, odontologia, enfermagem, biomedicina, farmácia, educação física e psicologia)¹⁷.

Utilizando a problematização como metodologia ativa, fundamentada no Arco de Maguerez, e um sistema de avaliação formativa composto por eixos cognitivos, psicomotor e afetivo, os estudantes participam de atividades em grupos interprofissionais nos cenários da APS. Nestes, desenvolvem projetos de intervenção em saúde alinhados às demandas locais e aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Os autores destacam que a experiência das disciplinas interprofissionais tem promovido a formação de profissionais mais capacitados para o trabalho em equipe, fortalecendo a integração entre a universidade e os serviços de saúde, além de contribuir para o aprimoramento da rede de atenção à saúde¹⁷.

Este modelo interprofissional na APS torna-se aplicável para diversas áreas do conhecimento, os quais envolve pessoal administrativo, agentes comunitários de saúde (ACS) e pediatras. Estes percebem melhoria na atuação da equipe, podendo ser implementado em outras unidades da rede, com objetivo na otimização de processos de trabalho e qualidade da atenção destinada¹⁸.

Outra investigação qualitativa exploratória, utilizando grupos focais compostos por tutores, preceptores e estudantes envolvidos na disciplina interprofissional de Atenção em Saúde, adotou a problematização como metodologia ativa de ensino-aprendizagem e os resultados evidenciaram que a disciplina interprofissional desempenhou um papel significativo na redefinição do papel docente, na percepção dos estudantes diante dos desafios do ensino interprofissional e na integração com o serviço de saúde. Os autores também exploraram as implicações da interprofissionalidade nas áreas da assistência à pessoa, sociologia e pedagogia e destacaram tanto a importância quanto a complexidade da interprofissionalidade na área da saúde, ressaltando os desafios e as oportunidades associados à sua implementação na formação e na prática profissional em saúde¹⁹.

Ao refletirmos sobre essas análises, percebemos que a EIP é o tipo de educação essencial para preparar uma força de trabalho em saúde "pronta para a prática colaborativa", e, principalmente, dotada de maior capacidade para atender às necessidades locais de saúde. Ela implica na interação entre profissionais diversos que compartilham conhecimentos, experiências, valores e responsabilidades, sempre respeitando a diversidade e complementaridade das competências. Além disso, contribui para o desenvolvimento de habilidades cruciais, como comunicação efetiva, tomada de decisão compartilhada, resolução de conflitos, liderança e reflexão crítica. Enfrentar o desafio da educação interprofissional representa simultaneamente uma oportunidade para transformar os cenários de ensino e trabalho em saúde, demandando a participação ativa de gestores, educadores, profissionais e usuários²⁰.

Como considerações finais, destacamos que na jornada da interdisciplinaridade e interprofissionalidade e no eixo ensino-serviço em saúde, encontramos um sinuoso caminho que se desdobra na busca por soluções cada vez mais inovadoras para os desafios da saúde. Como uma sinfonia em constante evolução, essa abordagem nos leva a explorar as fronteiras do conhecimento, transcender as barreiras disciplinares e ampliar a compreensão das complexidades da saúde. É a interconexão entre os saberes e a colaboração entre profissionais que nos permitem criar uma harmonia na assistência à saúde, tornando-a mais eficaz, humana e centrada no paciente, se apropriando de competências comuns, específicas e colaborativas.

No entanto, como qualquer sinfonia, há desafios a superar. A interdisciplinaridade e a interprofissionalidade exigem esforço, comunicação constante e, sobretudo, vontade para integrar diferentes perspectivas, fortalecendo práticas colaborativas. É aí que a verdadeira criatividade entra em jogo, à medida que buscamos novas formas de abordar os problemas de saúde e desenvolver soluções inovadoras.

Assim, para criarmos um modelo robusto e conciso que possa aproximar interprofissionalidade e interdisciplinaridade, talvez precisemos avançar numa série de tarefas: (1) aprendendo com a real dimensão das vivências; (2) processando estas vivências; (3) encontrando os valores simbólicos das mesmas, para além do processo passivo atual; e por fim, (4) inserindo o que foi experienciado, mas agora de forma interconectada, abrindo a possibilidade de revisitarmos o “já vivido” nestas histórias pontuais, numa perspectiva mais ampla e com múltiplos critérios. Talvez este seja o grande desafio a ser superado.

CONCLUSÕES

Neste concerto de ideias, é evidente que a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade na saúde não são apenas conceitos acadêmicos, mas sim ferramentas poderosas para enfrentar os desafios da prática clínica e educacional. Ao trabalhar juntos, aprendendo uns com os outros, e quebrando as barreiras que separam as disciplinas, podemos criar uma melodia de cuidados de saúde que ressoa de forma mais eficaz e compassiva em benefício de pacientes e profissionais. Portanto, que continuemos a afinar nossos instrumentos interdisciplinares e interprofissionais, aprimorando nossa sinfonia de saúde para um ambiente de cuidado mais saudável e harmonioso.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. Marco para ação em educação interprofissional e prática colaborativa [Internet]. 2010 [citado 03 de mai 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/dahu/pnsp/publicacoes/marco-para-acao-em-educacao-interprofissional-e-pratica-colaborativa-oms.pdf/view>
2. Etges NJ. Produção do conhecimento e interdisciplinaridade. *Educação e Realidade*. 1993;18(2):73-82.
3. Thiesen JS. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Rev. Bras. Educ.* [Internet]. 2008. [citado 03 de mai 2024];13(39):545–54. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/swDcnzst9SVpJvpx6tGYmFr/>
4. Frigotto G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: Jantsch AP, Bianchetti L, organizadores. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes; [Internet].1995. [citado 04 de nov 2022] Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/27337>
5. Piaget J. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio; 1973.
6. Morin E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.
7. Mozena ER. Investigando enunciados sobre a interdisciplinaridade no contexto das mudanças curriculares para o ensino médico no Brasil e no Rio Grande do Sul [Internet]. 2014 [citado 12 de jan 2023] [Tese]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 281p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104588>
8. Jantsch AP. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. In: Jantsch AP, Bianchetti L, organizadores. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes; [Internet]. 2000. [citado em 12 de jan 2023] p. 113-144. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/27337>
9. Morin E. *Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez; 2005.
10. Farias DN, Ribeiro KSQS, Anjos UU, Brito GEG. Interdisciplinaridade e interprofissionalidade na Estratégia Saúde da Família. *Trab Educ Saúde*. [Internet]. 2018. [citado 05 de dez 2023];16(1):141-62. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/s8LvmxwJSDXWRNwSQt7JH3b/>
11. Japiassu H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago; 1976.
12. Moraes MC. *O paradigma educacional emergente*. São Paulo: Papyrus; 2002.
13. Reeves S, Fletcher S, Barr H, Birch I, Boet S, Davies N. A BEME systematic review of the effects of interprofessional education: BEME guide no. 39. *Med Teach*. [Internet]. 2016. [citado 08 de dez 2023]; 38(7):656-68. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3109/0142159X.2016.1173663>
14. Costa JP, Jorge MSB, Vasconcelos MGF, Paula ML, Bezerra IC. Resolubilidade do cuidado na atenção primária: articulação multiprofissional e rede de serviços. *Saúde Debate*. [Internet]. 2015. [citado 04 de dez 2023]; 38(103). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gXKyw3Jsx4RsTvrLdGwBCsp/abstract/?lang=pt#>

15. Batista NA. Educação interprofissional em saúde: concepções e práticas. Cad FNEPAS. [Internet]. 2012 [citado 02 de dez 2023]; 2:25-28. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4298824/mod_resource/content/1/educacao_interprofissional.pdf
16. Peduzzi M, Norman IJ, Germani ACCG, Silva JAM, Souza GC. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. Revista da Escola de Enfermagem da USP. [Internet]. 2013. [citado 10 de jan 2023]; 47(4):977–83. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/JwHsjBzBgrs9BCLXr856tzD/>
17. Miguel ERA, Albiero ALM, Alves RN, Bicudo AM. Trajetória e implementação de disciplina interprofissional para cursos da área de Saúde. Interface Botucatu. [Internet]. 2018 [citado 20 de mai 2024]; 22(Supl. 2):1763-76. Disponível em: scielo.br/j/icse/a/LMVNQdBpzzghyXMsqRLgjYB/?format=pdf
18. Miguel ERA, Aires DL, Esteves RZ, Pissioli FCAM, Godoi SR, Silva SM. Importância do trabalho interprofissional para a Estratégia Saúde da Família e Pediatria. Espac. Saude [Internet]. 2016 [citado 25 de ago 2024]; 17(2):111-7. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/291>
19. Miguel ERA, Albiero ALM, Esteves RZ, Aquiles, GJ, Patussi EV, Oliveira MRN et al. Ensino interprofissional em saúde: análise qualitativa da experiência de estudantes, preceptores e tutores. Arq Cienc Saude UNIPAR. [Internet]. 2023. [citado 20 de mai 2024]; 27(6):2497-2515. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1436615>
20. CAIPE. Interprofessional education: the definition. 2002. Disponível em: <https://www.caipe.org/about>.



DATA DE SUBMISSÃO: 02/09/2024 | DATA DE ACEITE: 22/10/2024